

PRÁTICAS DEVOCIONAIS

CAPÍTULO 12 – PRÁTICA DA DESCOMPLEXAÇÃO – 1ª PARTE

O que é a prática da descomplexação? É a arte de se libertar consciente e progressivamente das amarras do pecado e de certos problemas pessoais decorrentes da educação e de experiências frustrantes, por intermédio dos multiformes benefícios do evangelho e do auxílio do Espírito Santo.

O ser humano não é um ser simples, pelo contrário, é por demais complicado. Há muitas razões para isso, mas a causa mais básica de toda a complicação espiritual, emocional e mental está relacionada com a Queda do homem. Salomão já havia dito que: *“Eis o que tão-somente achei: que Deus fez o homem reto, mas ele se meteu em muitas astúcias”* (Ec.7.29).

O distúrbio individual e coletivo pode ser notado quando o homem teve medo de Deus e dele se escondeu por causa da primeira desobediência. Foi quando teve vergonha de estar nu e se cobriu. Foi quando passou a conhecer o bem e o mal de modo pecaminoso. Foi quando desconfiou do caráter de Deus e rompeu com ele. Este é o problema básico. Todos os outros problemas têm relação com o chamado pecado original.

Um dos efeitos do pecado no homem diz respeito à forma distorcida como ele se enxerga. Essa distorção se manifesta quando o homem se vê muito melhor ou muito pior do que ele realmente é. O homem não é, nem um verme, e nem uma maravilha imaculada. Pensemos um pouco sobre isso.

Muitas pessoas se consideram como vermes. Se dizem miseráveis, incapazes de tudo, reduzidas em extremo e sem nenhum valor. Elas se diminuem e são diminuídas pelos demais. Por outro lado, há outros que se consideram uma maravilha. Se acham bons em si mesmos e são acentuadamente arrogantes. Julgam possuir todos os dons e todas as vantagens. Eles se exaltam e provocam a exaltação alheia.

Nos dois casos citados acima há erros grosseiros, pois ninguém é verme e ninguém é uma maravilha autodependente. O homem não é um verme, pois foi feito *“por um pouco menor do que Deus”* (Sl.8.5); é nova criatura em Cristo (2Co.5.17); é santuário do Espírito Santo (1Co.6.19); é filho de Deus (Jo.1.12);

é herdeiro de Deus e co-herdeiro com Cristo (Rm.8.17); é mais que vencedor por meio de Cristo (Rm.8.37) e é candidato certo à glória de Deus (Rm.8.18). Entretanto, o homem também não é em si mesmo uma maravilha imaculada e autodependente, pois, *“não passa de um caco de barro entre outros cacos”* (Is.45.9) e ainda depende totalmente da misericórdia de Deus. O homem precisa de Deus para viver, para ser salvo, para vencer a tentação e a provocação, para enfrentar a tristeza e a dor, para chegar à imortalidade, para chegar ao novo corpo, para chegar aos novos céus e nova terra e à *“glória por vir a ser revelada em nós”* (Rm.8.18). Você é um vaso de barro, isto é, você é quebrável (2Co.4.7). Ambos os complexos – o de que é melhor do que realmente é, ou, o de que é pior do que realmente é – devem ser abandonados.

É importante refletirmos na seguinte questão: embora popularmente se fale em *“complexo de superioridade”* e em *“complexo de inferioridade”*, é possível afirmar que ambos se tratam de diferentes manifestações do complexo de superioridade. Em ambos os casos, a pessoa prefere ficar com a visão que ela tem dela mesma do que aceitar a visão que Deus tem dela mesma. Em ambos os casos, a pessoa se acha superior a Deus para se definir, acreditando que a sua auto-compreensão é melhor, mais exata e mais confiável, do que a compreensão que Deus tem dela mesma. Embora a manifestação externa desses complexos seja diferente, internamente, ambos possuem o mesmo problema: se consideram superiores a Deus para definirem a identidade do homem.

O homem é, não quem ele acha que é, mas quem Deus diz que ele é. *“O conhecimento do homem é verdadeiro na medida em que o homem se conhece em Deus”* (Calvino). Que possamos conhecer mais a Deus e assim conhecer mais quem nós somos.